

# PSICANÁLISE E LINGUÍSTICA ESTRUTURAL: AS RELAÇÕES ENTRE AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E DE SIGNIFICAÇÃO DE SAUSSURE E LACAN

---

Eduardo Vicenzi

Psicanalista;  
doutorando em  
Estudos Linguísticos  
pela UFPR;  
mestre em Letras  
(Linguística) pela  
UFPR.

**RESUMO:** Propõe-se um exame crítico da apropriação que Lacan faz da teoria linguística estrutural de Saussure, identificando semelhanças e diferenças entre a teoria lacaniana e a saussuriana da significação, bem como de conceitos como “linguagem”, “língua”, “fala”, “significante”, “significado” e “signo”. Desta forma, pretende-se demonstrar que frente à perspectiva epistemológica para o estudo da “linguagem” oferecida pela linguística saussuriana, Lacan dela se serve como base inicial para a construção da sua própria concepção de linguagem. Por fim, o artigo considera algumas dificuldades originadas pela iniciativa de aproximar princípios da teoria psicanalítica a fundamentos estruturalistas.

**Palavras-chave:** Psicanálise lacaniana, linguística estrutural, processo de significação, sujeito.

**ABSTRACT:** Psychoanalysis and structural linguistics: The relationships between the conceptions of language and of significance of Saussure and Lacan. The present paper aims at providing a critical analysis of the appropriation Lacan makes of Saussure's structural linguistics theory. The objective is to identify similarities and differences between Lacanian and Saussurian theories regarding language, speech, signifier, meaning and sign. Thus, in the face of the epistemological perspective promoted by Saussure, the aim is to demonstrate how Lacan makes use of these concepts to support the building of his own theory of language. Finally, the article considers some difficulties which emerge from the attempt to 'bring together' two theories: structuralist fundamentals and psychoanalytic principles.

**Keywords:** Lacanian psychoanalysis, structural linguistics, signification process, subject.

Preende-se explicar a relação entre a teoria linguística estrutural saussuriana e a concepção de linguagem lacaniana, visando explicitar as compatibilidades e incompatibilidades existentes entre as duas. O exercício de comparar tais teorias tem como intuito tornar acessível ao psicanalista o modo como se deu a apropriação lacaniana de conceitos como “significante”, “significado”, “língua” e “fala”, todos tomados de empréstimo da teoria linguística de Saussure. Compreender o contexto em que tais conceitos foram trazidos e reinterpretados no campo psicanalítico permite ao psicanalista um olhar mais apurado sobre a visão original de “linguagem como estrutura”, além da adoção de uma postura cética quanto a uma possível similaridade entre a concepção saussuriana e lacaniana de linguagem.

Ainda como pano de fundo da argumentação, o artigo apresenta a ideia de que a teoria psicanalítica encontra-se frente a um universo linguístico ainda por ela pouco explorado. Isso porque a insistência psicanalítica em encontrar uma fundamentação estruturalista para questões concernentes à linguagem só se sustenta a partir do momento em que o psicanalista se recusa a acompanhar todos os desenvolvimentos que a ciência linguística experimenta desde sua origem oficial, quando da publicação do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure. Nunca é demais lembrar que no contexto das problemáticas abordadas pela linguística atual, a teoria saussuriana adquire apenas valor histórico, e não instrumental.

O artigo é dividido em quatro partes. A primeira delas retoma a distinção saussuriana entre “língua” e “fala”, comparando-a com os conceitos correlatos de “linguagem” e “fala”, utilizados por Lacan a partir da década de 1950. A segunda parte do artigo apresenta os passos da constituição da teoria lacaniana da significação, demonstrando a função que cada conceito adquire no algoritmo S/s (significante sobre significado). A terceira parte do trabalho demonstra as diferenças entre a concepção lacaniana da significação — a qual confere uma primordialidade ao “significante” — e a concepção saussuriana — que elege o “signo” como unidade de significação. Além disso, busca-se esclarecer nesta terceira parte a distinção entre a abordagem da linguagem proposta por Lacan comparada à proposta original saussuriana, a qual se restringia ao estudo da “língua”. Na quarta e última parte do trabalho, argumenta-se sobre a particularidade da noção lacaniana de “sujeito”, a qual foi fortemente inspirada por teorias estruturalistas da primeira metade do século XX.

Os textos eleitos como base para a retomada da teoria lacaniana da significação e de sua concepção de linguagem são *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (também conhecido por “Congresso de Roma”), de 1953, *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, de 1957, além de outros textos de comentaristas

da teoria lacaniana. Quanto ao embasamento teórico linguístico foram eleitos o *Curso de linguística geral*<sup>1</sup> e textos de linguistas comentadores de Saussure.

### **A DISTINÇÃO SAUSSURIANA DE “LÍNGUA” E “FALA”**

#### **E SEUS ECOS NA TEORIA LACANIANA**

Uma primeira apropriação lacaniana da teoria saussuriana pode ser verificada na correspondência entre os conceitos de “fala” e de “linguagem”, presentes na teoria de Lacan, e os de “fala” e “língua”, presentes na linguística de Saussure.

Para o linguista, o estudo da linguagem divide-se em dois campos distintos: o estudo da língua e o estudo da fala, sendo reservada àquela o lugar de objeto por excelência da ciência linguística. A língua é definida como “social em sua essência e independente do indivíduo” (SAUSSURE, 1978, p.27) e seu estudo é “unicamente psíquico”. Para o autor, a língua não é um fenômeno individual, pois não está completa em nenhum falante, ou seja, nenhum indivíduo carrega consigo todo o universo da língua. Sendo assim, a língua só se apresenta na coletividade, na junção de todos os indivíduos, cada qual com a sua parte desse todo (a língua). Além disso, a língua é registrada passivamente e não consciente, pois o indivíduo não se dá conta de como adquire a língua e nem de como ela se estrutura, ele apenas dela se serve. Sem a língua, o indivíduo não consegue se inserir nas relações sociais linguísticas,<sup>2</sup> pois fica impedido de comunicar-se por meio do sistema linguístico compartilhado.

A “fala”, por sua vez, é reconhecida por Saussure como um objeto secundário dentro dos interesses da ciência linguística. Diz respeito à “parte individual da linguagem” e tem caracteres psicofísicos. É a parte concreta da linguagem que é produzida pelo falante, a qual, para ser articulada, conta “com a ajuda [do] instrumento criado e fornecido pela coletividade” (SAUSSURE, 1978, p.18), a “língua”. Dito de outro modo, a “fala” é a “língua” concretizada pelo falante. Neste sentido, o indivíduo quando fala se utiliza de “partes” da estrutura maior que é a “língua”.

Lacan lançou mão da divisão entre “língua” e “fala” proposta por Saussure, o que pode ser verificado no caráter “concreto” que o conceito de “fala” adquire no contexto da teoria psicanalítica. Nas palavras de Lacan: “Quer se pretenda

<sup>1</sup> O *Curso de linguística geral* não foi escrito por Saussure, mas a partir dos poucos escritos deixados pelo linguista, bem como a partir de anotações recolhidas por alguns dos alunos que assistiram seus cursos realizados entre os anos de 1907 e 1911.

<sup>2</sup> Ver Saussure (1978), capítulo III, seção 2. Outro esclarecimento fundamental a respeito do conceito de “língua” é que não se deve utilizá-lo de modo a restringi-lo ao viés oral da linguagem. Se observadas as implicações deste conceito, cabe pensar que pessoas surdas, além de outras com déficits sensoriais ou motores específicos também lançam mão da “língua” como estrutura linguística que possibilita a realização da “fala”. Porém, nestes casos, a “fala” não se realiza oralmente, mas por sinais, por exemplo.

agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe apenas um meio: a fala do paciente” (1956 [1953]/1998, p.248). Ainda em seu *Discurso de Roma*, o autor afirma que os meios do método psicanalítico “[...] são os da fala, na medida que ela confere um sentido às funções do indivíduo” (1956 [1953]/1998, p.259). A definição de “fala” como meio para a cura ou, de modo mais geral, meio do método psicanalítico, explicita a posição lacaniana de que a fala é por excelência o elemento material que o analista deve manejar no tratamento.

Já a definição saussuriana de “língua” influenciou Lacan sob o aspecto de “estrutura”, pois o conceito de “linguagem” é definido pelo autor como uma estrutura que “preexiste à entrada de cada sujeito num momento de seu desenvolvimento mental” (1957/1998, p.498). Ou seja, para Lacan, a “linguagem” é independente dos indivíduos, da mesma forma que o conceito saussuriano de “língua”. Além do mais, dentro da perspectiva lacaniana, a linguagem não se confunde com “as diversas funções somáticas e psíquicas [...] no sujeito falante” (1957/1998, p.498). Em contraposição ao conceito de “linguagem”, a “fala” é reconhecida por Lacan como “material e individual”, tal como Saussure.

A inspiração estruturalista presente na concepção de linguagem adotada por Lacan ganha melhor visualização no texto *Instância da letra ou a razão desde Freud*, de 1957. Lacan diz que para além da “fala” — a qual é instrumento, enquadre, material e ruído de fundo da experiência psicanalítica —, “é toda a estrutura da linguagem que [a experiência psicanalítica] [...] descobre no inconsciente” (1957/1998, p.498). As referências à “estrutura da linguagem” já vinham sendo enunciadas por Lacan no *Discurso de Roma*, no qual ele a denominou como “ordem de linguagem”. No *Discurso*, o autor utiliza a “ordem da linguagem” como modelo para a explicação da formação dos sintomas, sonhos, e até da própria organização social.

Inspirado nas ideias do estruturalismo linguístico que defendiam uma anterioridade da “língua” em relação à “fala”, Lacan argumenta em favor de uma anterioridade da linguagem frente aos fenômenos concretos. Para ele “o conceito [...] gera a coisa. Pois ainda não é o bastante dizer que o conceito é a própria coisa [...]. É o mundo das palavras que cria o mundo das coisas” (1956 [1953]/1998 277). Esta posição também aparece de forma explícita no texto *A instância da letra*, quando o autor diz que o domínio da cultura só é concebível pelas “permutações autorizadas pela linguagem” (1957/1998, p.499), pois seria justamente a ocorrência da linguagem o ponto de distinção entre a sociedade humana e as “sociedades naturais”. O termo “cultura” se reduz ali à “linguagem”.

### A TEORIA LACANIANA DA SIGNIFICAÇÃO<sup>3</sup>

É também neste texto de 1957 que Lacan explicita os pontos em que sua concepção de linguagem encontrou inspiração na linguística saussuriana. De início, ele justifica a adoção do modelo da linguística estrutural por este ter possibilitado o reconhecimento científico do estudo da linguagem. A linguística recebe a denominação de “ciência piloto”,<sup>4</sup> responsável por operar uma “revolução do conhecimento” dentro do campo das ciências humanas.

Lacan atribui a Saussure a constituição do “algoritmo” que funda a disciplina linguística — S/s (significante sobre significado). O significante e o significado são entendidos como “ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação” (1957/1998, p.500). O processo de significação, conforme a interpretação lacaniana, depende das “ligações próprias do significante”, ou seja, é dada ao significante a função primordial no processo de significação.

O autor recorre ainda a dois princípios do método estruturalista: o de que as unidades do significante “se reduzem a elementos diferenciais últimos” (1957/1998, p.504) e o de que estes elementos compõem os significantes “segundo as leis de uma ordem fechada” (1957/1998, p.504). Em última instância, estes elementos que compõem os significantes são os fonemas. Lacan diz serem estas duas “condições estruturais que determinam — como gramática” (1957/1998, p.505) tanto a constituição dos significantes como a das unidades linguísticas maiores como frases, por exemplo.

Ao fazer alusão à organização gramatical, Lacan deixa em segundo plano a questão do significado, o qual só se torna acessível num *après-coup*, num momento posterior, chamado “ponto de estofo” ou “ponto de basta”. São as relações entre significantes que “fornecem o padrão de qualquer busca de significação”. (1957/1998, p.505) Isto faz com que os significantes sejam imbuídos de uma “anterioridade” frente ao significado, pois este decorre da ligação entre aqueles.

Contudo, mesmo inspirado pelo signo saussuriano, Lacan o considera insuficiente para dar conta do que se verifica na experiência psicanalítica. Ao invés do modelo proposto por Saussure, o qual explica o fenômeno da significação pela correspondência entre um significante (som) e um significado (pensamento), Lacan argumenta que a significação está atrelada à cadeia significante (sequência de significantes) tomada em seu todo. Ao invés da significação par por par (um significante para um significado), Lacan defende a ideia de que a significação só se torna possível após a revelação de todos os significantes, o que se dá por meio de um deslizamento do sentido na extensão da cadeia significante. Em outras palavras, enquanto todos os significantes de uma frase

<sup>3</sup> Os aspectos “pulsionais” e “transferenciais” da abordagem lacaniana da linguagem não serão abordados aqui.

<sup>4</sup> Sobre a denominação de “ciência piloto” ver Dosse (1993, p.13).

não forem explicitados, o significado não pode ser estabelecido. Tome-se como exemplo a seguinte frase:

“Prometo lhe emprestar a quantia de dinheiro que está pedindo, contanto que hoje seja dia 36.”

Supondo um contexto em que A e B são os sujeitos envolvidos na situação comunicativa, sendo que o primeiro é o que profere a frase e o segundo atua como ouvinte. Ao escutar a primeira parte da frase, B tem todas as condições de interpretá-la como sinal de aceitação do pedido de empréstimo de dinheiro feito anteriormente a A. Contudo, tal significado não se sustenta na medida que a segunda parte da frase é proferida. Sendo assim, se a significação fosse apenas imaginada termo a termo, como na proposta saussuriana, o ouvinte não teria condições de modificar um significado que vinha se revelando antes da segunda parte da frase. Pensando no esquema lacaniano da significação, os significantes vão sendo apresentados em cadeia, e somente após o último deles ter sido revelado é que se torna possível concluir o processo de significação. Este é o “ponto de basta” ou “ponto de estofo”<sup>5</sup>.

Mesmo imprimindo modificações na teoria original saussuriana, Lacan entende que a utilização do método estruturalista como base de compreensão do processo de significação permite ao psicanalista um entendimento da linguagem diferente daqueles que prevalecem entre os que não tiveram nenhuma formação linguística, como é o caso daqueles que acreditam que o processo de simbolização se baseia numa “analogia natural” entre uma palavra e a coisa que esta palavra significa.

Ao reler a psicanálise com lentes linguísticas, Lacan passa a traduzir os fenômenos descritos por Freud como o sonho, o chiste, o sintoma e o ato falho em termos próprios do campo da linguagem. O sonho passa a ser descrito como uma “estrutura de linguagem”, as imagens do sonho são consideradas como “significantes”, o processo de condensação é relido como “superposição de significantes”; enfim, “o trabalho do sonho segue as leis do significante”, segundo Lacan (1957/1998, p.515).

Além de uma definição linguística do processo do sonho, Lacan reformula os conceitos de “inconsciente” e de “sujeito” a partir do algoritmo S/s e pelas fórmulas da metáfora e da metonímia.<sup>6</sup> Quanto ao sujeito, importa saber que só se pode concebê-lo numa lógica significante, por não estar no campo da

<sup>5</sup> No original *point de capitoné*, também traduzido por “ponto de estofo”. Trata-se do ponto que amarra os elementos da cadeia significante, dando-lhes uma significação.

<sup>6</sup> Dosse, em *A história do estruturalismo* (parte I) atribui a Jakobson (1963) a vinculação, a partir de estudos sobre afasia, entre os termos “sintagma” e “associação” respectivamente às famosas figuras retóricas “metáfora” e “metonímia”. Cf. Dosse, 1993, p.80-1.

representação, do significado, conforme a tradição psicológica vinha há tempos relacionando. Vale lembrar que, para Lacan, há uma diferença radical entre o conceito de sujeito e a noção psicológica de subjetividade — como sendo o conjunto de representações, valores e crenças do indivíduo.

A partir do que foi levantado neste tópico pôde-se vislumbrar a influência que o pensamento estruturalista teve na formulação da teoria lacaniana da década de 1950.<sup>7</sup> Em suma, além de ‘calçar’ cientificamente a psicanálise, a linguística estrutural de Saussure serviu de inspiração a Lacan com conceitos de “língua”, “fala”, “signo”, “significante”, “significado”, entre outros.

Em seguida será retomada com maior especificidade a teoria lacaniana do significante, bem como suas compatibilidades e incompatibilidades frente à teoria saussuriana do signo.

### **SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE A TEORIA SAUSSURIANA DO SIGNO E A TEORIA LACANIANA DA SIGNIFICAÇÃO**

O projeto lacaniano de utilizar categorias linguísticas inspiradas no estruturalismo saussuriano como maneira de formalizar a teoria psicanalítica merece ser reconhecido como a abertura de um novo paradigma na história desta disciplina. Seu trabalho abriu uma via inédita de compreensão da teoria freudiana, oposta às leituras psiquiátricas e biologizantes que vinham se propagando entre os pós-freudianos.

Conforme Roudinesco: “O que se tinha em 1950 como freudismo era uma espécie de molho medicinal biológico” (apud DOSSE, 1993, p.126). A psicanálise estava, nesta época, assumindo a forma de uma *Ego therapy* [terapia de Ego], a qual tinha por meta fortificar o ego do paciente, possibilitando-lhe uma melhor ‘adaptação’ ao contexto social.

A proposta lacaniana de um “retorno a Freud” também carregava em si um objetivo menos aparente, o de ir contra o caráter adaptacionista que a psicanálise vinha tomando, isto além da pretensão já tão conhecida de trazer novos pontos de vista sobre os princípios e balizamentos do processo analítico. Neste sentido, parece válida a tentativa lacaniana de lançar uma reinterpretação da teoria psicanalítica contrária aos reducionismos de que esta vinha padecendo.

Entretanto, a compreensão da proposta lacaniana exige do leitor um exame cuidadoso do contexto de seu surgimento e posteriores evoluções, bem como das adaptações realizadas por Lacan na incorporação de conceitos e ideias de teorias linguísticas, filosóficas, antropológicas, lógicas e matemáticas. Tal ini-

<sup>7</sup> Devido às limitações do presente trabalho, não foi analisada a última fase do ensino de Lacan, denominada de “fase do real”, a qual tem início no ano de 1964 e estende-se até os últimos trabalhos do autor. Porém, vale notar que Lacan gradativamente afastou-se dos princípios estruturalistas, tal como inscritos nas obras de Saussure, Jakobson e Lévi-Strauss.

ciativa coloca em evidência o trabalho de reelaboração do autor e evita um tipo de preconceito teórico ingênuo, o de que Lacan teria utilizado em sua obra conceitos, símbolos, teorias em seu formato original.

Um exemplo do trabalho de transformação e adaptação de conceitos, efetuado por Lacan, pode ser encontrado na exposição de Lacan sobre o algoritmo S/s.

Conforme já se disse aqui, no texto *A instância da letra ou a razão desde Freud* Lacan afirma que a formulação do “algoritmo” que funda a disciplina linguística (S/s) deve ser atribuída a Saussure. Lacan ainda afirma que o “significante” ocupa uma “posição primordial” (1957/1998, p.500), além de estar separado do “significado” por “uma barreira resistente à significação” (1957/1998, p.500). Contudo, há diferenças entre o uso que Lacan faz do algoritmo e a posição original de Saussure apresentada no *Curso de linguística geral*.<sup>8</sup>

Para o linguista, a “língua” — objeto de estudo da ciência linguística — é constituída por um “sistema de signos distintos” (SAUSSURE, 1978, p.18). O signo equivale à “unidade linguística”, a qual “é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos” (1978, p.79), o “significante” e o “significado”.

Contrariamente à descrição lacaniana de que “significante” e “significado” consistiriam “ordens distintas”, para Saussure “existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado.” (1978, p.81). Para ele, “O signo linguístico une [...] um conceito e uma imagem acústica” (1978, p.80), categorias estas que foram substituídas respectivamente por *significado* e *significante*. Com isso, o crédito do conceito de “barreira resistente à significação”, barreira esta que separa o significante do significado, é essencialmente lacaniano.

Nóbrega (2002a), linguista, tem esta mesma opinião sobre a mudança de foco proposta por Lacan em conceitos originais do *Curso de linguística geral*. A autora retoma as ideias do também linguista Michel Arrivé, o qual afirma que:

“Em Lacan, embora haja, marginalmente, uma teoria do signo, [...] não há articulação entre ela e o significante, a ponto de ser impossível, por exemplo, na teoria lacaniana, dizer que o significante é um signo. Portanto, o signo lacaniano é fundamentalmente diferente do signo saussuriano.” (ARRIVÉ, 1999, s/p, apud NÓBREGA, 2002a, p.228)

Arrivé lembra que na formulação original do signo saussuriano não há qualquer referência à primordialidade do “significante” frente ao “significado”, no

<sup>8</sup> Conforme Dosse (1993, p.49), não é lacaniana a ideia do processo de “esvaziamento do significado” em proveito da primazia do significante. Antes, já se expressara no “texto-manifesto” *Ensaio sobre o dote*, de Lévi-Strauss, e no prefácio que este escreveu à obra de Marcel Mauss, no qual afirma que “os símbolos são mais reais do que o que eles simbolizam, o significante precede e determina o conjunto das ciências do homem” (1993, p.XXV).



sentido do primeiro ocupar uma posição hierarquicamente superior frente a este. Em resumo, há na teoria de Lacan “uma clara hierarquia entre significante e significado, impensável em Saussure.” (ARRIVÉ, 1999, s/p, apud NÓBREGA, 2002a, p.228). Por fim, Arrivé chama a atenção para o fato de:

“Lacan haver apagado o círculo que circunda o signo saussuriano como, também, as flechas que indicam, em Saussure, a relação de dependência de um elemento para com o outro no interior do signo linguístico.” (ARRIVÉ: 1999, s/p. apud NÓBREGA 2002a, p.228).

Dosse também aponta para as modificações teóricas empreendidas por Lacan ao dizer que ele “faz desaparecer as setas que indicavam, no CLG [*Curso de linguística geral*], a relação recíproca das duas faces do signo, seu caráter indissociável, como a frente e o verso de uma folha de papel” (1993, p.132).

Para Saussure, o signo é composto por duas contrapartes: o significante, ou imagem acústica, e significado, ou conceito. Sem uma delas, o signo não se constitui. Ou seja, qualquer significante remete instantaneamente a um significado e vice-versa. Lacan propõe um novo olhar sobre a relação entre o significante e o significado afirmando que o significado não se revela termo a termo, mas no “ponto de basta”, ponto este para o qual toda uma cadeia de significantes converge.

Almeida remarca que as modificações empreendidas por Lacan na teoria saussuriana têm como principal interesse a formulação de uma explicação estritamente linguística para o fenômeno da psicose. Segundo o autor:

“Passada a fase linguística inaugural e o período do “pacto simbólico”,<sup>9</sup> para explicar a psicose, Lacan separa e inverte o que em Saussure era tido, no seu máximo grau de distinção, apenas como a face e o verso de uma folha de papel, permitindo, assim, melhor configurar ou otimizar o deslizamento da “cadeia” como processo independente e separado não só do mundo referencial, como já queria Saussure, mas também do mundo do significado, até ali imediatamente vinculado ao significante.” (2004a, p.104)

As transformações feitas por Lacan na teoria saussuriana do signo tiveram como consequência uma assimilação da “primazia do significante” frente o paradigma anterior, “primazia do simbólico”. Isto se tornou possível a partir da inserção da barra, a qual, para os psicanalistas, encarrega-se da função de representar os processos de “resistência” e “censura” inerentes ao sujeito.

---

<sup>9</sup> Definida pelo autor como o período que vai desde o artigo “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, de 1953 até fins de 1955.

Aos linguistas causa grande estranhamento notar que um sinal que servia apenas para demarcar uma diferença entre dois termos seja reinterpretado como um verdadeiro corte, o qual teria função de não mais permitir a junção entre significante e significado num mesmo elemento, conforme se verificava no signo saussuriano. Por outro lado, este estranhamento parece ser semelhante ao que os linguistas expressam quando defrontados com o modelo psicanalítico de interpretação, o qual difere consideravelmente dos modelos linguísticos de interpretação de enunciados.

Mesmo rendendo homenagens a Saussure por seu importante papel no estudo do processo de significação, Lacan deixa claro no texto *A instância da letra* que a sua concepção teórica difere da concepção linguística ao afirmar que: “Contra isso [o esquema gráfico do signo saussuriano] vai toda a experiência que me faz falar” (1957/1998, p.506). Mais do que pensar na cadeia discursiva de forma linear, tal como Saussure propunha, Lacan diz ser necessário entendê-la como um conjunto de linhas sobrepostas, nas quais a “polifonia” do discurso pode ser representada. Segundo este esquema, a significação se dá a partir de um deslizamento do sentido na extensão da cadeia significante.

Isto considerado, qualquer tentativa de afirmar que os argumentos linguísticos encontrados na teoria lacaniana são diretamente provenientes da linguística de Saussure incorre em erro. É óbvia a importância da teoria saussuriana como inspiradora da concepção lacaniana de significação, porém Lacan construiu uma proposta original e diversa das concepções até então veiculadas.

Não se deve ignorar que são distintos os objetos de estudo originais da psicanálise e da linguística. A teoria de Saussure se funda na distinção entre “língua” e “fala”; a primeira considerada como um sistema abstrato e independente do fenômeno da “fala”; e esta entendida como uma realização individual e concreta. Segundo Saussure, a linguística estruturalista não se atém ao estudo do funcionamento da “fala”, mas somente às leis intrínsecas da “língua”, partindo do pressuposto de que todas as línguas têm uma estrutura básica. Lacan, por outro lado, não se restringe ao campo da língua delimitado pela linguística, mesmo porque a experiência psicanalítica se constitui fundamentalmente a partir da “realização” da língua, sob a forma da “fala”. Esta também é a opinião de Dosse, que afirma que “ao contrário de Saussure, cujo objeto privilegiado é a língua [*langue*], Lacan privilegia a fala [*parole*], deslocamento que se tornou necessário pela prática da cura” (1993, p.130).

Lacan dá à fala grande destaque ao apontá-la como o que delimita e o que viabiliza a experiência psicanalítica.<sup>10</sup> Delimita a experiência psicanalítica porque, para o autor, nada que ultrapasse a fala do paciente deve ser tomado como

<sup>10</sup> Ver, por exemplo, parte I do *Discurso de Roma*, em Lacan (1956 [1953]/1998).

dado clínico.<sup>11</sup> Viabiliza a experiência porque é “via” fala que o paciente associa livremente, bem como é “via” fala que o analista realiza suas intervenções.

Em resumo, existem tanto compatibilidades quanto diferenças entre o modo da teoria lacaniana e da saussuriana em compreender a função do signo, do significante, do significado, enfim, do fenômeno da significação como um todo. Quanto à divisão epistemológica proposta por Saussure entre “língua” e “fala”, é possível encontrá-la em Lacan sob os conceitos de “linguagem” e “fala”. Pode-se ainda afirmar que o método estruturalista — o qual entende que os signos se constituem e se diferenciam entre si apenas por oposição, e não por uma pretensa relação com a “realidade” — encontra-se no fundamento do pensamento saussuriano e também do lacaniano. Contudo, a compreensão de que o processo está intimamente ligado a uma cadeia de significantes, estes separados dos significados por uma barra, é exclusivamente lacaniana, e não saussuriana.

### CONCEPÇÃO DE SUJEITO NO CONTEXTO DO ESTRUTURALISMO

Tanto a linguística saussuriana e a fonologia de Jakobson quanto a antropologia de Lévi-Strauss, ao se assentarem no modelo estruturalista, conseqüentemente desconsideram o nível do “particular”, ou seja, abdicam da abordagem de qualquer “sujeito” enquanto entendido em sua particularidade. Dosse afirma que “[o sujeito] é explicitamente reduzido à insignificância, senão ao silêncio, pelo CLG com a distinção essencial que Saussure estabelece entre linguagem e fala” (1993, p.72), mesmo porque o campo da “língua” não abarca o “sujeito falante”. O historiador ainda relembra a postura de Saussure:

“A língua não constitui, pois, uma função do falante [...]. A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente. Não falamos mais as línguas mortas, mas podemos perfeitamente assimilar-lhes o organismo linguístico.” (1978, p.30 apud DOSSE, 1993, p.73)

Dito de outro modo, para Saussure, a linguística certamente pode eleger uma língua que já deixou de ser falada como um objeto de estudo. Não é necessário que ela se realize na fala, ou, em outras palavras, não necessita de um sujeito para proferi-la.

Simanke (2002b) se pronuncia sobre o assunto, assinalando a tensão criada por Lacan ao tentar fundamentar uma abordagem “objetiva” do sujeito, segundo o modelo estrutural, tensão esta que se prolonga até suas elaborações mais tardias:

<sup>11</sup> Como, por exemplo, a observação dos comportamentos do paciente e a prática da introposição. Para mais, cf. Lacan (1953 [1956]/1998, p.249).

“Lá [nas elaborações mais tardias], sempre que predominarem as ambições científicas ou formalistas, o sujeito se desvanece; inversamente, quando a preocupação maior for com os traços significativos da experiência subjetiva, preocupação que se prende aos aspectos clínicos da teoria, as dificuldades de uma análise puramente formal começam a se fazer sentir.” (2002b, p.343)

Não se pode esquecer que a definição de sujeito proposta por Lacan vem atrelada a uma releitura do conceito de inconsciente, disseminado amplamente no início dos anos 1950, herdeiro das antropologias de Lévi-Strauss e de Marcel Mauss. Porém, segundo esta mesma tradição antropológica, “o sujeito inconsciente não age, ele simplesmente executa as ações que lhe são prescritas por uma instância que o transcende e determina” (2002b, p.430). Isto considerado, Simanke lança a questão: “Onde encontrar um lugar, numa tal concepção do inconsciente, para a atividade irrecusável de um sujeito que só se define pelo desejo”? (2002b, p.430). O autor complementa que

“[...] este será o dilema enfrentado por Lacan durante toda a etapa estruturalista de seu percurso — e mesmo depois, sempre que se vir atraído por outros tipos de formalismo, lógico ou matemático, por exemplo.” (2002b, p.430)

Sendo assim, adotar os pressupostos estruturalistas para a redefinição de conceitos centrais da psicanálise, como é o caso dos conceitos de “sujeito” e “inconsciente”, traz consigo pelo menos uma grande questão ao psicanalista: de que sujeito trata a clínica psicanalítica? Em muitos pontos de sua obra Lacan parece mostrar-se de acordo com a definição “automatizante” proposta pela antropologia estruturalista, principalmente quando argumenta que “o inconsciente do sujeito é o discurso do outro” (1956 [1953]/1998, p.266).

Contudo, em outros momentos Lacan atribui ao sujeito a capacidade de “reconhecer”, seja seu próprio desejo (1956 [1953]/1998, p.281), seja sua participação inconsciente nos processos sociais (1956 [1953]/1998, p.47, 278-281). Há também, por parte do autor, um reconhecimento de um sujeito que, ao menos, pode “reconhecer” seu próprio caráter “inconsciente”.

A definição lacaniana de sujeito tende a permanecer ambígua e obscura àqueles que acreditam que as teorias Lévi-Strauss, Jakobson e Saussure foram incorporadas à teoria psicanalítica sem qualquer adaptação. Nestes casos, muitos psicanalistas desavisados recorrem ao “lacanês”<sup>12</sup> como forma de escamotear

<sup>12</sup> Expressão que caracteriza a utilização excessiva de jargões teóricos como forma de demonstrar um pretendo domínio da teoria lacaniana. Na maioria dos casos os textos e comunicações pautadas neste modelo não agregam nenhum conhecimento ao leitor/ouvinte, servindo mais como uma forma de exercício de poder.

os problemas originados de uma compreensão simplista da relação entre a psicanálise lacaniana e o estruturalismo.

Dessa forma torna-se válido realçar que a noção de sujeito para Lacan difere da noção estruturalista original, pois segundo esta última, o sujeito “se encontra preso [...] desde antes de nascer e após sua morte ‘a maneira de um peão, no jogo do significante’.”<sup>13</sup> (DOSSE, 1993, p.142)

Neste ponto, uma questão relativa à prática psicanalítica não pode ser desconsiderada: como seria possível conceber um trabalho clínico ao se adotar uma concepção “formal” de sujeito, inspirada em grande parte no estruturalismo saussuriano e lévi-straussiano? A que tipo de tratamento poderia engajar-se um sujeito “automático”, “preso à maneira de um peão, no jogo significante”? Como pôr em prática uma clínica que “dessubjetiva” e “despsicologiza” completamente o conceito de sujeito?<sup>14</sup>

Sabe-se que muitos sintomas tratáveis pelo método psicanalítico têm relação com uma impossibilidade do paciente em abandonar justamente uma posição subjetiva automática e totalmente determinada pelo discurso do grande Outro. Neste sentido, qualquer tentativa de sustentar a noção original de “sujeito” para o estruturalismo torna-se impeditiva de um trabalho clínico que vise possibilitar ao paciente o reconhecimento de seus desejos e o abandono da posição de mero “peão no jogo significante”.

Segundo Almeida, a iniciativa lacaniana de aproximar psicanálise e estruturalismo coloca em risco a função da clínica psicanalítica. Em sua tese de doutorado o autor afirma que:

“Para Lacan, ao que parece, é mais importante, em nome da objetividade, entender que a aquisição da linguagem faz não com que o sujeito fale, mas que a linguagem fale nele. Em nome da clínica, porém, deve-se fazer com que o sujeito fale na linguagem que nele fala.” (2004, p.15)

Em suma, a relação que Lacan constituiu com a linguística saussuriana não se deu de forma simples. A teoria do signo serviu a Lacan como um novo paradigma de entendimento da linguagem por ter lhe oferecido novos conceitos como os de “significante” e “significado”, contudo, para ser utilizada no interior da psicanálise, tiveram de sofrer adaptações.

A separação realizada por Lacan entre significante e significado representa um dos mais importantes desenvolvimentos da teoria psicanalítica pós-freudiana. Funciona para o analista como um instrumento eficiente no processo de inter-

<sup>13</sup> LACAN, “Situation de la psychanalyse em 1956”, *Écrits II*, apud Dosse, 1993, p.143.

<sup>14</sup> Para mais informações sobre o assunto, ver Simanke (2002b), capítulo V.

pretação, permitindo-lhe uma escuta diferenciada dos modelos psicológicos, utilizados como padrão de intervenção.

Lacan demonstrou uma capacidade extraordinária de angariar elementos das mais diversas áreas do conhecimento e adaptá-los à rede de conceitos psicanalíticos. Sua genialidade, identidade e originalidade tornam-se muito mais evidentes quando são consideradas as modificações por ele realizadas em conceitos como “significante”, “significado”, “língua”, “fala”, se comparados aos conceitos em seus contextos de origem.

Devido ao fato de Lacan ter utilizado a teoria de Saussure apenas como um ponto de partida para suas formulações particulares, optou-se, nesta oportunidade, por não realizar um exame dos desenvolvimentos posteriores<sup>15</sup> da teoria lacaniana.

Recebido em 8/6/2007. Aprovado em 13/2/2008.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. J. R. de L. (2004) “Compulsão à linguagem na psicanálise: Teoria lacaniana e psicanálise pragmática”. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Estadual de Campinas.
- ARRIVÉ, M. (2001) *Linguística e psicanálise — Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros*. São Paulo: Edusp.
- (1999) *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- DOSSE, F. (1993) *A história do estruturalismo — Volume I: O campo do signo, 1945-1966*. São Paulo: Ensaio.
- JAKOBSON, R. (1963) *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit.
- LACAN, J. (1957/1998) “A instância da letra no inconsciente freudiano” in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- [1956]/1998) “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. in *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- MILLER, J.-A. (1988) “S’Truc Dure” in: *Matemas II*. Buenos Aires: Manantial.
- NÓBREGA, M. (2002a) “Lacan e a linguística saussuriana: um tiro que errou o alvo, mas acertou na mosca?”, in: SCHÄFFER, M.; FLORES, V. do N. e BARBISAN, L. B. (org.). *Aventuras do sentido: Psicanálise e linguística*. Porto Alegre: Edipucrs.
- SAUSSURE, F. (1978) *Curso de linguística geral*. Lisboa: Dom Quixote.
- SIMANKE, R. T. (2002b) *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial.

Eduardo Vicenzi  
 eduvicenzi@hotmail.com

<sup>15</sup> Dentre eles destaca-se a formulação do conceito de *lalangue*, o qual se encontra vinculado com a introdução da categoria do “real” no corpo de sua teoria. Para mais informações sobre o assunto, ver Miller (1988). Para mais, ver Almeida (2004, p.127-135).